

SOBRE MANTOS E MUSEUS: UM BREVE RELATO

GAËLLE DIAS AMBELAKIOTIS

Gaëlle Dias Ambelakiotis é belgo-brasileira e doutoranda em arqueologia amazônica na Universidade Paris 1 Panthéon Sorbonne. Por esta mesma instituição, é graduada em arqueologia, e possui mestrado em História do Patrimônio e dos Museus. Sua pesquisa tem como foco a ornamentação corporal da Amazônia antiga a partir do estudo de peças arqueológicas. Investiga também sobre as exposições e acervos de peças etnográficas e arqueológicas brasileiras nos museus europeus.

Neste texto, em forma de relato, compartilho com o leitor as minhas observações sobre as formas como os mantos Tupinambá são expostos em três museus europeus, nas cidades de Copenhague, Bruxelas e Milão. Hoje símbolo de luta e resistência Tupinambá, o que nos diz a presença do manto nestas instituições? Quais discursos são criados e dados às peças? Qual história e para quem ela é contada? Nas salas cheias de objetos e de visitantes, sua presença não passa despercebida.

manto
tupinambá,
expografia,
museu.

*

Era abril de 2021, quando, terminando a graduação em arqueologia¹, comecei a pesquisar sobre os mantos Tupinambá. Logo em seguida, durante o meu Master 1, primeiro ano de mestrado na França, realizei várias pesquisas de campo onde visitei e estudei os mantos conservados nos museus de Copenhague, Milão, Bruxelas e Basileia. Nestas viagens, estudava cada centímetro das peças, contava as plumas, os nós, olhava para a preservação e os dispositivos de conservação dos mantos. Também estudei as museografias, os mecanismos elaborados por cada instituição para expor os mantos ou conservá-los em suas reservas técnicas. Olhei para os tipos de vitrine, se escolhiam mostrar o manto vertical ou deitado na horizontal, sua exposição à luz do sol, as fichas descritivas e tantos outros detalhes que compõem o campo de atuação em museologia e museus. No meio destas análises técnicas, exigidas pela minha área de atuação, cada visita foi acompanhada de momentos íntimos de encantamento, frustrações e alguns incômodos. Estas experiências deram luz à minha primeira dissertação de mestrado em Patrimônio e Museus². Compartilho aqui alguns destes momentos e as percepções que tive das exposições que visitei. Dos quatro mantos que estudei, três estavam expostos nos museus de Copenhague, Bruxelas e Milão. Esta é uma reunião de notas de uma viagem para avistar os mantos e, quem sabe, o meu continente.

*

Para entender o lugar que ocupam os mantos nos museus europeus hoje, é importante falar da relação entre o povo Tupinambá e os europeus. Todos aprendemos que no dia 22 de abril de 1500, os portugueses chegam na costa brasileira. Os Tupinambá fazem parte dos primeiros povos a ter contato com os europeus desde o começo da invasão. Rapidamente, se espalha na Europa um imaginário discriminador do “selvagem”, influenciado em grande parte por textos publicados por missionários e viajantes. O exemplo mais marcante é o livro de Hans Staden que conta sua vivência como prisioneiro dos Tupinambá por nove meses, publicado em 1557. Ele conta em detalhes a realização do ritual antropofágico no qual o

1 Realizei minha graduação em arqueologia e o meu mestrado em História do Patrimônio e dos Museus, ambos na Université Paris 1 Panthéon Sorbonne. Atualmente sou doutoranda em arqueologia na mesma instituição.

2 Na França, realizamos duas dissertações de mestrado, uma no Master 1 e outra no Master 2. No Master 1, defendi a dissertação intitulada « Les manteaux Tupi dans les musées européens: objets d’ethnographie, objets de Patrimoine ». Já a segunda, do Master 2, se intitula « La culture matérielle Karajá sous le prisme de la collection du Musée d’Art et d’Histoire de Bruxelles ». Ambas sob a orientação de Stéphen Rostain.

manto era usado. Acompanhados de desenhos e gravuras de Théodore de Bry, mas também de outros relatos como os de Jean de Léry, Claude d'Abbeville e André Thevet, estes textos espalham um imaginário das Américas, focalizado no canibalismo e no lado dito “selvagem” das populações. Como era de costume, uma rede de comércio foi criada para trazer objetos das Américas para Europa, incluindo mantos Tupinambá que se tornariam objetos de prestígio para se ter nas coleções. Isto explica diretamente a presença de peças nos acervos dos museus europeus que foram herdadas de coleções dos gabinetes de curiosidade e de coleções privadas da nobreza. Hoje, sabemos da presença de mantos espalhados nos acervos em Bruxelas, Paris, Basileia, Florença, Milão e Copenhague. Um destes mantos, conservado em Copenhague, foi recentemente restituído ao Brasil graças ao trabalho encabeçado por Glicéria Tupinambá³.

É importante ter este contexto colonial em mente para entender o lugar que ocupam os mantos nas instituições museais hoje. Quais discursos são dados a estas peças e como elas são mostradas ao público europeu? Qual história e para quem ela é contada? Símbolo de luta e resistência Tupinambá, qual o lugar dos mantos na Europa?

*

O manto que ficava exposto no Museu Nacional da Dinamarca, hoje restituído ao Brasil, apresenta um estado de conservação excepcional. Não falarei aqui das qualidades e detalhes técnicos da fabricação desta peça, aspectos abordados em minha dissertação de mestrado⁴. Nosso foco será a sua exposição.

Ele fazia parte do percurso etnográfico do museu, percurso que se estende por dois andares e tem como objetivo expor as populações do mundo. Nesse espaço, o visitante entraria na pele de um viajante que faz a volta do globo. Proponho que nos focalizemos na sala brasileira do percurso etnográfico, onde ficava exposto o manto escarlate. Antes de começar, é importante deixar claro que a descrição a seguir se baseia nas observações realizadas em fevereiro de 2022 e podem não ser mais de atualidade. Apesar disto, elas nos permitem refletir sobre a importância da museografia e dos discursos veiculados pelas instituições, mas também

3 Glicéria Tupinambá é uma artista, pesquisadora e liderança da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, no sul da Bahia. Ela viaja o mundo ao encontro dos mantos Tupinambá e confecciona novos mantos a partir de suas experiências. Defendeu recentemente o seu mestrado no programa de pós graduação em antropologia social do Museu Nacional/UFRJ.

4 Ver “Les manteaux Tupi dans les musées européens : objets d’ethnographie, objets de Patrimoine”, dissertação de mestrado, Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, defendida em junho de 2022.

os discursos dados às peças expostas. Fica então aqui o registro de uma experiência que nunca mais será a mesma.

Na época da minha visita, a sala apresentava cinco vitrines que expunham principalmente peças plumárias. As vitrines eram divididas por temáticas e davam informações muito gerais, sem instruir qualquer data ou nome do grupo que deu origem às peças. Isto valia também para o manto Tupinambá, exposto ao lado de um arco e flechas em uma vitrine dedicada à caça, com uma ficha técnica que sequer mencionava os Tupinambá. Além do problema de contextualização das peças, o discurso emitido pelos poucos painéis explicativos contribuía à propagação de um pensamento hoje obsoleto que não faz distinção entre os diferentes povos indígenas e os coloca todos na mesma categoria do “exotismo”.

Além das cinco vitrines, a sala estava recoberta de obras do pintor Albert Eckhout⁵, encarregado de produzir uma série de pinturas que refletiriam a vida na América do Sul em seus sete anos como membro da missão científica de Willem Piso⁶. Seus quadros do século XVII representam cenas ditas “cotidianas” da vida das populações Tupinambá, Tarairiú e Africanas. No entanto, ele pinta os indivíduos mais de um século após a primeira chegada europeia e vemos claramente as mutações culturais influenciadas/impostas pelos colonizadores. Eckhout pintou seus quadros nos anos 1640 e representa indivíduos com roupas brancas, às vezes com alguns adornos, contrastando então com as vitrines cheias de plumas. Na sala, uma obra chamou a minha atenção, a *Índia Tarairiú (Tapuia)*, pintada em 1641. Nela, vemos uma mulher segurando uma cesta cheia de membros humanos cortados. Ironicamente, o seu olhar está direcionado para o manto Tupinambá, observando-o atentamente. Não sei em que medida este detalhe é intencional ou não, acredito que não o seja. De qualquer maneira, ela está lá, vigiando atentamente o manto. Como uma sentinela, que não perde de vista a vista.

Ao atravessarmos a sala e, ao observarmos as peças nas vitrines, temos a sensação de estarmos nós mesmos sendo observados de todos os lados. O que me olha? De onde olhar o que me olha? Nesse encontro de tempos distintos, os objetos sussurram histórias.

Depois de horas passadas estudando cada aspecto, cada nó, contando o número de plumas no manto, decidi sentar e observar os visitantes, a maioria dinamarqueses que vinham em família, em casal ou sós. Apesar da então falta total de contextualização, o manto Tupinambá era sem dúvida alguma a estrela da sala. Enquanto a maioria passava alguns

5 Na exposição, estas pinturas estão acompanhadas de um vídeo explicativo.

6 Willem Piso era médico e naturalista holandês. A pedido de Mauricio de Nassau, então governador da colônia holandesa do Brasil, montou uma expedição composta por cientistas e artistas para registrar e conhecer a geografia do Brasil. Esta viagem deu origem às pinturas de Albert Eckhout.

segundos olhando as vitrines, o manto tinha direito a vários minutos, a discussões, a questionamentos. Observei crianças encantadas com a presença do manto Tupinambá, impressionadas com suas plumas escarlates de guará. Imagine se alguma explicação fosse associada à peça na época? Não voltei ao museu desde 2022 mas fui informada que, desde o retorno do manto ao Brasil, um outro manto fica agora exposto nesta vitrine e acredito que a ficha técnica que o acompanha foi atualizada para oferecer mais contextualização.

Na entrada da sala, o manto se posiciona como um guardião, vigiando e protegendo todas as peças. Hoje no Brasil, este manto representa um símbolo da luta Tupinambá, que por muito tempo foram considerados como extintos. Isto acentua ainda mais a importância do retorno do manto e o trabalho de Glicéria como um símbolo de afirmação. Afirmação de existência, de ter sua existência reconhecida, de ter o espaço para transmitir e afirmar sua própria história.

Cada experiência visitando um manto Tupinambá é única. Cada museu tem o seu próprio ambiente, a sua própria expografia e suas próprias prioridades e pontos de vista. Convido o leitor a sair das terras dinamarquesas e pousar em Bruxelas, onde encontramos o nosso próximo manto.

*

O manto de Bruxelas é o maior exemplar de todos e é composto de uma junção de duas peças separadas, o que lhe confere o seu tamanho de quase dois metros. Ele fica em uma das salas de exposição do Museu Real de Arte e de História de Bruxelas. Lembro a primeira vez que entrei neste museu, que hoje conheço muito bem. O prédio é grande e expõe artefatos de todos os continentes. Pensava que teria que procurar o manto por um tempo pois errei de direção quando me indicaram onde encontrá-lo. Abri uma porta sem saber se estava no caminho certo. De repente, para a minha surpresa, me vi face a face com o manto Tupinambá e, por alguns segundos, parei de respirar. Em uma sala do percurso museográfico dedicado às Américas, exposto dentro de uma grande vitrine no centro do espaço, o visitante se depara, como eu, cara a cara com ele. A sala é calma, escura, com as luzes projetadas para as peças expostas nas vitrines. No meio dos adornos, instrumentos e armas nas paredes, o manto é como uma aparição. Dentro de um museu enorme, com artefatos de todos os períodos e de todos os lugares do mundo, o manto nos convida a pausar, respirar e observar. Protagonista claro da exposição, este manto escarlate híbrido torna impossível ao visitante de ignorá-lo. Ele está lá, imóvel e em silêncio, sob a luz dos projetores.

Para finalizar nossa viagem, proponho irmos mais ao sul para visitar o manto que está guardado em Milão em um ambiente muito diferente.

*

O Manto Tupinambá de Milão está conservado na Pinacoteca Ambrosiana, pertencente à Biblioteca Ambrosiana fundada em 1607 pelo Cardeal Federico Borromeo. A Pinacoteca foi fundada em 1618 e foi inicialmente pensada para acolher a coleção de pinturas, desenhos e estátuas do cardeal. O espaço se transformou hoje em um museu e expõe principalmente pinturas, incluindo o esboço em desenho do famoso afresco *Escola de Atenas* de Raphaël que está no Vaticano. Em meio a pinturas, esculturas, manuscritos e desenhos, alguns objetos qualificados de “curiosidades”, termo utilizado pela instituição⁷, estão presentes em diversas salas do percurso museográfico, provenientes principalmente da coleção de Manfredo Settala. Em uma destas salas se encontra um manto Tupinambá. Exposto dentro de sua vitrine, está colocado de forma a ser um elemento central da sala. Ele está acompanhado por uma ficha explicativa que o descreve como “Manto cerimonial Tupinambá”, e que dá informações sobre sua aquisição por Settala, uma menção de sua restauração em 2018, e o associa a um rito canibal. Colocado em uma vitrine horizontal, no meio de quatro colunas, no centro da sala, o visitante pode observar a peça de todos os lados. Sua posição me lembrou os túmulos dos reis ou de pessoas importantes que encontramos nas catedrais, sempre colocados em posição central no espaço. Essa percepção se reforça quando observamos o manto do andar de cima, onde, se olharmos para baixo, o vemos em sua vitrine. Nesse olhar zenital, o manto adquire outra dimensão.

Com esta descrição que, até o momento, pode ser considerada como clássica, convido o visitante que me acompanha neste texto a prestar atenção nos demais objetos presentes na sala. Na entrada, temos uma variedade de peças relacionadas ao tema da viagem e da navegação, de astrolábios a esferas armilares. Associados ao manto, estes instrumentos criam um discurso ligado aos viajantes europeus que trouxeram objetos de terras longínquas, testemunhos de populações distantes. Ao lado do manto, encontram-se, para a minha surpresa, o corpo de um mamífero e um chifre de cervo. Ainda na mesma sala, vemos pinturas representando cenas religiosas. Não pude deixar de notar que a disposição do manto faz com que seu capuz aponte diretamente para a *Ascensão da Virgem* de Giovanni Agostino da Lodi. Novamente, não sei se este detalhe é intencional. Mas ele está lá.

Penso que esta sala merece ser discutida. A mensagem dada é a de um gabinete de curiosidade, onde não há nenhuma relação entre os objetos expostos, a não ser sua ligação com a ciência para os astrolábios e animais, ou ao “exótico” com o manto Tupinambá, ou à religião com as pinturas. Há

⁷ Convido a acessar o site da instituição para mais informações.

uma clara analogia com as viagens de exploração e a importação de todos os tipos de objetos e “curiosidades”. Para o caso específico do Brasil, uma das consequências diretas destas navegações foi a chegada dos jesuítas com o objetivo de evangelizar as populações indígenas. Os jesuítas também são considerados responsáveis pelo envio de vários objetos para a Europa, estimulando então o colecionismo de objetos das Américas também pelo clérigo de Roma (Buono, 2007, p. 212). Eu vejo no cenário desta sala uma alusão, voluntária ou não, a este contexto de cristianização do Brasil colonial. Recriaram um gabinete de curiosidade e o manto não é nada mais que um objeto exótico, um representante de uma cultura longínqua, do Outro. Mais uma vez, visualmente, o manto é a figura central da sala. Como um túmulo, ele permanece sob a guarda do busto de Giovanni Calbiati, prefeito da Ambrosiana no começo do século XX, no meio de animais, astrolábios e santos, bem longe de sua terra de origem.

*

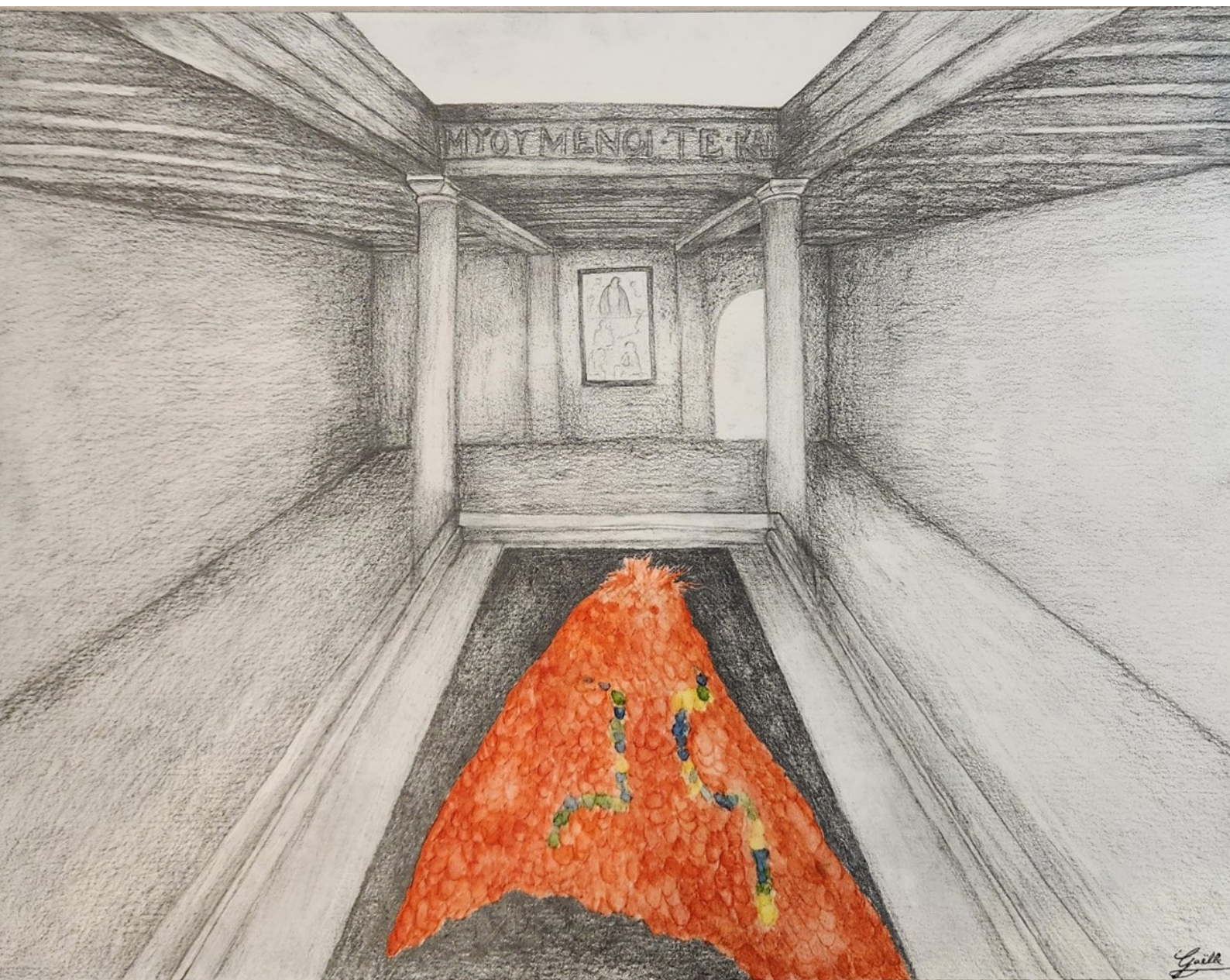
Lado a lado, estes três exemplos nos mostram escolhas museográficas muito diferentes. Em Copenhague, o manto era apresentado como peça etnográfica no meio de diversos objetos de culturas diferentes do Brasil não referenciadas. Ele agia como guardião da sala. Em Bruxelas, ele é uma presença, ele pede silêncio. Em Milão, ele está vagando em território desconhecido. Exposto fora de seu contexto, este manto parece estar perdido no meio da instituição que é a Pinacoteca Ambrosiana, como um estrangeiro retido em território distante.

Os acervos etnográficos, principalmente os conservados na Europa, trazem muitos questionamentos éticos, com peças muitas vezes provenientes de espoliações. Vemos hoje um crescimento do pensamento decolonial, onde exigimos reparações históricas e uma mudança na maneira de escrever a História. Os museus etnográficos, criados nos anos 1800, têm o dever de se adaptar a estas mudanças e reconhecer sua parte de responsabilidade na propagação de discursos, pensamentos e ideologias coloniais. Com o movimento decolonial, populações por muito tempo marginalizadas (re)afirmam cada vez mais sua existência, sua independência e sua história. Uma parte desta história fica preservada nos objetos. Como fazer quando não se tem acesso a estes objetos? É tempo de repensar a noção e o papel do museu etnográfico europeu, que ele se torne um lugar de informação não só sobre cultura material, mas sobre os desafios contemporâneos dos povos que produziram estas peças. O museu etnográfico precisa se inscrever na contemporaneidade. É imprescindível, como nos ensina Edouard Glissant (2023, p. 140-141), complexificar o interior dos museus, multiplicar o número de mundos dentro dos museus.

Pouco tempo após defender minha dissertação, tive o prazer de conhecer e trabalhar com Glicéria Tupinambá em uma de suas viagens a

Copenhague. Glicéria conduz sua pesquisa em busca dos mantos Tupinambá na Europa com um ponto de vista e uma perspectiva que lhe são únicos. Seu trabalho é fundamental. No meio destes acervos e exposições, o manto é sempre central. Nas salas cheias de objetos e de visitantes, sua presença não passa despercebida. Ele nos diz, estou aqui.

FIGURA 1
MANTO TUPINAMBÁ APONTANDO A ASCENÇÃO DA VIRGEM,
GIOVANNI AGOSTINO DA LODI, 1515-1520
DESENHO: G. DIAS AMBELAKIOTIS



Referências Bibliográficas

BUONO, Amy. *Feathered Identities and Plumed Performances: Tupinamba Interculture in Early Modern Brazil and Europe*, tese de doutorado, University of California, 2007.

DIAS AMBELAKIOTIS, Gaëlle. *Les manteaux Tupi dans les musées européens : objets d'ethnographie, objets de patrimoine*, dissertação (mestrado Patrimônio e Museus). Paris: Université Paris 1 Panthéon Sorbonne, 2022.

GLISSANT, Edouard; OBRIST, Hans Ulrich. *Conversas do arquipélago*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2023.

JESUS DA SILVA, Glicéria. Arenga Tata Nhee Assojoba Tupinamabá. *Tellus*, 21, n. 46, 2022, p. 323–339. DOI: 10.20435/tellus.v21i46.816.

LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil : autrement dite Amérique* [online]. 1578. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54640v>.

STADEN, Hans. *Nus, féroces et anthropophages*. Paris: Editions Métailié, 2021.